



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14660 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

O TRABALHO DOS PROFESSORES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR INICIAL A PARTIR DA ERGONOMIA DA ATIVIDADE

Mikaelly Ferraz de Oliveira - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar - UFG - Universidade Federal de Goiás

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

O TRABALHO DOS PROFESSORES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR INICIAL A PARTIR DA ERGONOMIA DA ATIVIDADE

Introdução

O objetivo deste artigo foi o de relacionar algumas contribuições da ergonomia da atividade com o trabalho dos professores que atuam na educação básica, para repensarmos a profissão docente. Essa temática merece ser problematizada, pois sua reflexão permite compreender como são estabelecidas as relações de trabalho na escola, como os professores organizam seu trabalho pedagógico, bem como, de que forma essa área de conhecimento tem contribuído para se pensar limites e possibilidades de melhoria da educação.

Esse texto trata-se de uma atividade realizada em um programa de pós-graduação goiano, cujo análise resulta em um estudo de caráter ensaístico, de natureza teórica, que busca dialogar com alguns elementos essenciais presentes na literatura do campo do trabalho (Marx, 2017; Vatin, 2010; Yves Schwartz, 2011) para compreensão dos saberes profissionais e situações de trabalho dos professores que atuam na educação básica.

A pergunta que orienta esse estudo é direcionada no sentido de compreendermos: como a ergonomia da atividade pode contribuir para repensarmos o trabalho dos professores que atuam na educação básica? Logo, a proposta deste artigo possui importante relevância para compreensão da atividade de trabalho do professor.

O artigo está organizado em duas seções: na primeira seção apresento uma breve explicação da gênese da noção de trabalho a partir de alguns referenciais teóricos encontrados na literatura do campo do trabalho e na segunda, indico algumas contribuições da ergonomia da atividade, com ênfase na noção de atividade, para que possamos repensar o trabalho dos professores que atuam na educação básica e por fim apresento as considerações finais.

Gênese da noção de trabalho

Um importante autor para se pensar o conceito de trabalho é o filósofo Karl Marx, dono de um grande acervo teórico sobre as relações trabalhistas em sociedade. Em seu livro “O Capital: crítica da economia política”, discutiu o processo de trabalho estabelecido na sociedade capitalista. No primeiro momento, Marx (2017) busca conceituar o trabalho:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (Marx, 2017, p. 326-327).

O trabalho é um processo em que o homem transforma a natureza para atingir determinado fim e atender às suas necessidades básicas de sobrevivência. Nesse sentido, o processo de trabalho acontece de forma intencional:

No processo de trabalho, portanto, a atividade do homem, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma. O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia sob a forma do movimento, agora se manifesta, do lado do produto, como qualidade imóvel, na forma do ser. [...] é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais (Marx, 2017, p. 330-335).

Em suma, o homem utiliza os meios de trabalho para transformar o objeto de seu trabalho para atender a um determinado objetivo, dessa forma o trabalho é uma atividade intencional. Outra perspectiva sobre o trabalho é a assumida pelo sociólogo do trabalho,

François Vatin, que retoma as obras de Karl Marx para pensar o trabalho. Vatin (2010, p. 8) pontua em sua análise que “[...] o trabalho não é redutível ao quadro de sua gestão na sociedade capitalista”, ou seja, que a explicação das relações de trabalho estariam para além do contexto da sociedade capitalista. Em vista disso, o autor afirmou ainda que o trabalho é senão “[...] coação e liberdade, ato produtivo e laço social, constituição de si e dependência dos outros” (p. 10). Desse modo, compreendemos que a definição de trabalho assumida por Vatin é ampla e permeada de múltiplas determinações sociais, políticas e econômicas.

O filósofo e professor emérito do Departamento de Ergologia da Université de Provence, Yves Schwartz também procura compreender o que é trabalho em seu artigo *Conceituando o trabalho, o visível e o invisível*. Para isso, adota a perspectiva da ergologia para trazer elementos para sua discussão. Desse modo, Yves Schwartz (2011, p. 20) argumenta que:

O ‘trabalho’ é ao mesmo tempo uma evidência viva e uma noção que escapa a toda definição simples e unívoca. É sem dúvida nesse ‘e’ que une ‘o trabalho’ e ‘os homens’ que repousa provavelmente a fonte desse caráter enigmático, gerador de paradoxos, e que permite a questão: o que está comprometido – do homem – no trabalho?

Nesse sentido, o autor pontua que o trabalho possui um caráter enigmático, portanto sua definição não é simples e nem linear.

As contribuições da ergonomia da atividade para o trabalho dos professores que atuam na educação básica

A ergonomia da atividade possui base francesa, sendo sua noção de atividade concebida na década de 1970, baseada nos estudos da psicologia soviética desenvolvida por Leontiev e Vygotsky, em que confere seu valor heurístico para a análise das situações que permeiam o trabalho (Alves, 2010).

A ergonomia da atividade é uma ciência que procura articular os conhecimentos de diferentes disciplinas, se interessa pelas condições de trabalho, objetiva eficácia, conforto e a saúde dos trabalhadores, ela se questiona também a respeito do modo que o trabalho é concebido e gerido, buscando compreender as situações de trabalho para transformá-las (Alves, 2010).

Cunha (2009, p. 228) afirma que para a ergonomia da atividade “A análise do trabalho é feita a partir de uma descrição e explicitação da atividade humana em situação de trabalho – atividade situada em meios profissionais, num regime de cooperação [...]”. Em suma, a análise da atividade se concentra no fazer dos trabalhadores com a intenção de compreender

as relações que nele se estabelecem e transformar sua realidade de modo que se garanta a eficácia, o conforto e a saúde dos trabalhadores.

A ergonomia da atividade procura também postular as diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Assim, o trabalho prescrito “compreende o que antecede a atuação do trabalhador, por exemplo, o sistema de avaliação adotado pela escola ou o plano de curso de uma disciplina, no caso de um professor”, já o trabalho real “compreende o efetivamente realizado diante da realidade concreta e de suas dinâmicas” (Alves, 2010, p. 26). Em síntese, o trabalho prescrito e o trabalho real exigem a mediação da atividade do trabalhador.

Amigues (2004) se propõe a analisar a atividade dos professores a partir da unidade de análise da ergonomia da atividade. A teoria da atividade tem suas raízes tanto nas teses elaboradas por Vygotsky como por Leontiev, no entanto o autor destaca que essa discussão já havia emergido nos campos de estudos da psicologia do trabalho e na ergonomia francesa, articulando tarefa e atividade, bem como, a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, mencionadas anteriormente neste artigo.

O mesmo autor define que a atividade “corresponde ao que o sujeito faz mentalmente para realizar essa tarefa, não sendo portanto diretamente observável mas inferida partir da ação concretamente realizada pelo sujeito” (p. 39). O professor se depara constantemente no cotidiano de seu trabalho com uma atividade que planejou e organizou, mas que não conseguiu executar na classe de aula. Assim, o que foi prescrito para ser realizado na sala de aula não foi feito no trabalho real.

A atividade do professor é instrumentada e direcionada para os alunos, pais e para a escola que o emprega. Amigues (2004) explica que as prescrições constituem a atividade dos professores que coletivamente prescrevem suas atividades a serem desenvolvidas em classe de aula. As regras de ofício estão relacionadas com a ligação entre os profissionais. As ferramentas são utilizadas pelos professores para auxiliar no trabalho técnico de ensino, são também transformadas pelos professores para serem mais eficientes e geralmente são elaboradas por outras pessoas. Logo, o autor destaca que a análise da atividade considera as ferramentas como um elemento importante para a interação entre os sujeitos e a tarefa, pois ajuda na reorganização da atividade e aumenta a eficiência dos gestos no trabalho docente.

Em suma, gerir a classe para o professor é “[...] construir as dimensões coletivas da ação individual, e ter uma classe que funciona é não só ter bons alunos, mas um coletivo coeso soldado e pronto para se engajar na ação [...]” (Amigues, 2004, p. 48). Gerir a classe e organizar o trabalho coletivo pode ser fonte de prazer e satisfação para o professor, mas

também é complexo e pode causar fadiga, pois o professor empreende esforço para manter sua atividade de trabalho (Amigues, 2004).

Considerações finais

O propósito do presente texto foi refletir o trabalho dos professores que atuam na educação básica a partir de algumas contribuições da ergonomia da atividade. Nesse movimento, compreendemos que o trabalho possui um caráter central, cuja definição não é simples, sendo necessário movimentar diferentes áreas do conhecimento para que se possa compreender sua complexidade.

A análise da atividade considera as ferramentas do trabalho do professor como um elemento importante para a interação entre os sujeitos e a tarefa, desse modo, é importante que o professor exerça sua autonomia e organize suas ferramentas de trabalho. Concluimos assim, que a ergonomia da atividade pode nos ajudar a analisar as situações de trabalho do professor e a traçar caminhos para transformá-lo.

Palavras-chave: Trabalho docente. Condições de trabalho. Saberes profissionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wanderson Ferreira. Gestão escolar e o trabalho dos educadores: da estreiteza das políticas à complexidade do trabalho humano. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 3, n. 110, p. 17-32, jan. -mar. 2010.

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A. R. **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Tradução: Anna Rachel Machado. Londrina: Eduel, 2004, p. 37-53.

ASSUNÇÃO, A. da Avila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009.

CUNHA, Daisy. Lições de pedra: das minas de saberes e valores. **Educação** - Unisinos, v. 13, n. 3, p. 228-235, set-dez. 2009.

MARX, Karl. O processo de trabalho. In: _____. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, p. 326-337, 2017.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde** Tradução: Cristine Vargas Pereira e Roseli Fígaro, com revisão técnica de Roseli Fígaro e supervisão do autor, v. 9, n. 1, p. 19-45, 2011.

VATIN, François. Marx et le travail: acte créateur et instrument d'aliénation. **Revue du MAUSS**, Tradução: Wanderson Ferreira Alves – Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. 6 fév. 2010 [en ligne].